

Por uma cultura do encontro: uma reflexão à luz da mensagem do Papa Francisco por ocasião do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais

By a culture of Meeting: a reflection in the light of the message of Pope Francis on the occasion of the 48th World Day of Social Communications

*Edelcio Ottaviani**

Resumo: O texto trata da cultura do encontro à luz da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e a mensagem do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, ambas do papa Francisco, e das possíveis saídas para sairmos de nossa autorreferencialidade em época de cultura digital e redes sociais.

Palavras-chave: Cultura do encontro; mídias digitais; saída da autorreferencialidade.

Abstract: The text deals with the culture of the meeting in light of the apostolic exhortation *Evangelii Gaudium* and the message of the 48th World Communications Day, both of Pope Francis, and possible ways to get out of our self-referentiality in time of digital culture and social networks.

Keywords: Culture meeting; digital media; output of self-referentiality.

* Doutor em Filosofia pela Universidade de Lovaina, Bélgica e mestre em Teologia. Reitor do UNIFAI-Centro Universitário Ipiranga, São Paulo, SP.

Introdução

Desde que o Dia Mundial das Comunicações Sociais foi instituído pelo Decreto Conciliar *Inter Mirifica* (n.18), em 6 de dezembro de 1963, e a primeira mensagem difundida pelo papa Paulo VI, em 7 de maio de 1967, tem havido um esforço da Santa Sé para que em todos os países se constituam secretariados nacionais para os meios de comunicação. Até então o texto conciliar contemplava somente a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão. A notar a diversidade de temas abordados ao longo de quase cinquenta anos, salta aos olhos que, a partir de 1999, tenha crescido vertiginosamente o número de mensagens relacionando evangelização via *mass-media* à tecnologia digital. Num rol de quinze, ao menos nove mensagens da Santa Sé, direta ou indiretamente, tratam de temas sociais relacionados à diminuição das distâncias protagonizada pela internet.

Diminuição dos distanciamentos espaciais e culturais, multiplicação das redes sociais e comunidades virtuais, tudo isso se apresenta como campo aberto à sementeira de todo tipo de mensagens numa velocidade jamais vista. Salvos os excluídos desse ambiente virtual, cuja exclusão nada mais é do que o reflexo do que lhes acontece na vida real, a mensagem promulgada neste ano pelo Papa Francisco, a primeira de seu pontificado, se dirige aos católicos afetados por esse universo virtual entrecruzado ao mundo real. Quatro são as palavras-chave que marcam os pontos essenciais desta mensagem voltada aos comunicadores e agentes da pastoral da comunicação na era digital: comunicação, autêntica, cultura e encontro. Essas palavras se alinham ao tom de provocação adotado em outros pronunciamentos do papa Francisco. Elas nos tiram da zona de conforto e nos incitam a olhar por outras perspectivas, a experimentar o que já foi dado como origem de algo novo, o “arcaico” como gênese de um tempo que está por vir, como diz o filósofo italiano Giorgio Agamben.¹

É uma riqueza para toda Igreja que esta 48ª mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais tenha sido difundida entre os agentes da pastoral da Comunicação às vésperas da canonização

¹ Cf. AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, p. 69.

dos papas João XXIII e João Paulo II, celebrada pelo papa Francisco em 27 de abril deste ano. Ambos, guardadas as diferenças pessoais e culturais, foram autênticos comunicadores e difusores entusiastas da mensagem evangélica.

João XXIII, com a expressão *aggiornamento*, sintetizou a temática presente no conjunto dos documentos conciliares e que foi expressa no primeiro parágrafo da Constituição *Sacrossantum Concilium*: “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que creem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja”.²

Na abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, João XXIII, conhecido popularmente como “il papa buono”, apresenta três ideias-chaves que dariam o tom a todo o movimento transformador instaurado pela Assembleia conciliar: “a Igreja (...) olhará intrépida para o futuro”; os padres conciliares devem discordar “dos profetas das desgraças, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo”; a Igreja Católica “deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade também com os filhos dela separados.”³ Com estas palavras, João XXIII propõe um dos elementos fundamentais presentes na mensagem do Papa Francisco: fomentar *uma cultura do encontro*.

João Paulo II, cujo pontificado foi um dos mais longos da história, soube se relacionar como nenhum outro com os meios de comunicação social. Expressão corporal, gestos, fluência em diversas línguas foram instrumentos essenciais daquele que foi reconhecido pelo povo como o papa missionário de santidade peregrina. Como diz o teólogo Fernando Altemeyer, “ele representa a santidade do modelo da cristandade que resiste aos impérios e ao ateísmo surdo e antidemocrático”⁴. De espírito corajoso, João Paulo II impressionava pela presença. Recordo-me

² DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrossantum Concilium*, n. 1.

³ Idem. *Discurso do Papa João XXIII na Abertura Solene do Concílio*, p. 24-29.

⁴ ALTEMEYER JR, Fernando. Um João e outro João, dois santos diferentes. *Família Cristã*. São Paulo, ano 80, n. 940, p. 58, abril de 2014.

como se dirigiu ao pequeno número de padres brasileiros presentes em sua capela privada por ocasião da celebração do 80º aniversário natalício do Cardeal D. Agnelo Rossi. Antes de presidir a Eucaristia, ao se paramentar, saudou-nos espontaneamente em bom português. Sabia se fazer próximo.

Esses dois novos santos exprimem de forma vigorosa a tônica da mensagem do papa Francisco: “entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não hesito em preferir a primeira”.⁵ Ambos, à sua maneira, deixaram sua zona de conforto e procuraram saídas para um anúncio eficaz do Evangelho.

A mensagem

Para alcançarmos a profundidade da mensagem de Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, faz-se necessário recorrer à exortação apostólica pós-sinodal sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, denominada *Evangelii Gaudium*, ou Alegria do Evangelho, redigida por ele e dirigida a toda Igreja em 24 de novembro de 2013. No capítulo V, o papa Francisco aponta para a necessidade dos evangelizadores se abrirem à ação do Espírito, a fim de anunciarem a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*).⁶ Segundo o primaz da Igreja, este anúncio deve ser expresso por uma “moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária”.⁷ Tal moção só é possível pela articulação entre oração e trabalho. O célebre adágio *ora et labora* é retomado sob uma nova ótica, dando ênfase a uma oração encarnada que foge a toda espiritualidade intimista e individualista.⁸ Para tanto, o papa se volta para a prática dos primeiros cristãos “que se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa”.⁹ Segundo Francisco, os desafios que encontramos

⁵ PAPA FRANCISCO. Comunicação a Serviço de uma autêntica Cultura do Encontro. 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, p. 11.

⁶ Idem. *Evangelii Gaudium*, n. 259.

⁷ Ibidem, n. 261.

⁸ Cf. Ibidem, n. 262.

⁹ Ibidem, n. 263.

para anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo não são menos difíceis que os deles uma vez que o contexto do Império Romano não era nada favorável “à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana”.¹⁰ Trata-se apenas de um contexto diferente.

Neste capítulo, Francisco nos convida a contemplar a forma como os santos enfrentaram as dificuldades próprias do seu tempo, senão para imitá-los, ao menos para neles nos inspirarmos no anúncio do Evangelho. Alguns elementos nos são apresentados: primeiro, a relação amorosa com a pessoa de Jesus que nos impele a falar aos outros da pessoa amada. “O verdadeiro missionário, aquele que nunca deixa de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele”.¹¹ Se não estiver convencido disso, não entusiasma, não convence ninguém; Segundo, o prazer espiritual de ser povo, de estar próximo da vida das pessoas. “A missão é uma paixão por Jesus e simultaneamente uma paixão pelo povo”.¹² O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Os Evangelhos são incisivos ao mostrarem essa cultura do encontro fomentada por Jesus. Francisco cita uma série de passagens que confirmam a necessidade evangélica de se inserir a fundo na sociedade, de partilhar a vida com todos, de ouvir suas preocupações, de colaborar materialmente e espiritualmente com suas necessidades, não como peso, mas com “uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá identidade”.¹³ Terceiro, ação misteriosa do Ressuscitado e do seu Espírito. Faz-se mister não crermos somente nas próprias forças, mas também não descremos delas. Às vezes nos desencorajamos porque não nos achamos fortes o bastante para modificar o que precisa ser modificado, esquecendo-nos de que, “quando os primeiros discípulos saíram a pregar, “o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra” (Mc 16,20)”.¹⁴ Quarto e *último* elemento: é preciso combater a *acédia* com a oração e a intercessão, “pois uma

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem, n. 266.

¹² Ibidem, n. 268.

¹³ Ibidem, n. 269.

¹⁴ Ibidem, n. 275.

contemplação que deixa fora os outros *é* uma farsa”¹⁵. Francisco alude a São Paulo, missionário por excelência, cuja oração era permeada pela intercessão: “Em todas as minhas orações, sempre peço com alegria por todos vós (...), pois tenho-vos no coração” (Fl 1, 4.7).

Somente à luz desses ensinamentos *é* que podemos compreender a insistência de Francisco em fazer da parábola do Bom Samaritano o *ícone* de uma comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro, por meio da qual derramamos sobre as feridas o azeite perfumado pela solidariedade na dor e o vinho da alegria pela realização da partilha. Essa cultura do encontro *é* o “sim” característico da potência afirmativa que precede os necessários “nãos” dirigidos aos mecanismos de morte que se opõem às diversas formas de vida.

Os problemas

Muito embora o acesso à internet possa oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos – haja vista a articulação das mulheres no Oriente Médio por melhores condições de estudo e de trabalho *via* redes sociais, bem como as manifestações ocorridas no Brasil em junho do ano passado –, esse acesso apresenta ao menos dois aspectos problemáticos: primeiro, a velocidade da informação que supera nossa capacidade de reflexão e discernimento. Segundo, o desejo de conexão digital que pode nos isolar do nosso próximo, em tempo e espaço reais.

Para que uma verdadeira cultura do encontro enriquecida pelas tecnologias digitais e redes sociais possa se estabelecer não podemos nos esquecer do seguinte: quem se comunica se faz próximo. *É* notável perceber que o desenvolvimento dos meios de transporte e o avanço das tecnologias de comunicação não foram capazes de diminuir os conflitos, as diferenças, entre povos e nações (vide o que aconteceu com a Crimeia e o que há tempos acontece na Palestina) e nem mesmo a desigualdade, o desnível entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. São múltiplas as formas de exclusão e marginalização

¹⁵ Ibidem, n. 281.

que geram a pobreza. Assim, segundo o papa, não basta circular pelas “estradas” digitais; é necessário que essa conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro, pois somente a convivência corporal nos fará “sentir com o outro”, perceber o cheiro, a textura, o gosto, os sons, sejam eles bons ou ruins. Só perceberei que é nocivo à saúde habitar um bairro na proximidade de um depósito de lixo quando sentir o cheiro do chorume no ar.

Nesse contexto, o papa apresenta a seguinte questão: como é possível lançar mão das redes sociais sem descurar dos encontros reais? Como uma dimensão pode auxiliar a outra?

As possíveis saídas

Para tentar responder a essas perguntas, lanço mão das palavras do próprio papa que diz preferir “uma Igreja acidentada que sai pela estrada a uma Igreja doente de autorreferencialidade”. Nesta expressão, encontramos o indicativo de uma possível resposta originada nos dois sentidos da palavra *saída*.

Tanto João XXIII quanto João Paulo II compreenderam que para fazer frente aos desafios de uma nova evangelização é preciso sair de onde está. João XXIII propunha a saída da Igreja de sua zona de conforto. João Paulo II indicava uma saída que vai ao encontro do outro, do diferente, por meio do diálogo ecumênico e inter-religioso. Mas, há outro sentido, quem sabe ainda mais importante, relacionado ao termo *saída*: falo de pistas para ação. Para João XXIII, a saída para o *aggiornamento* tão desejado por ele foi a convocação de um novo concílio ecumênico, sem anátemas e imprecações contra a cultura moderna. Em seu anseio de manter um diálogo profícuo com o mundo contemporâneo, ele lutou bravamente contra os opositores de uma modificação no estatuto da Igreja tanto no *âmbito* litúrgico quanto pastoral.

E nós, que saídas propomos aos impasses da era digital?

Ouso apresentar algumas pistas. Se pautados pelas palavras do papa Francisco, não podemos ver nas redes sociais somente os aspectos negativos. Há de se reconhecer que quase não sabemos viver sem os benefícios tecnológicos e a ajuda que nos presta a internet nas diferentes *áreas* do saber. O universo acadêmico ganhou muito com os avanços tecnológicos.

Assim, no *âmbito* da Pastoral Universitária, por que não lançar mão de uma formação aos sacramentos de iniciação em ambiente virtual? Nossos estudantes trabalham e estudam; raramente só estudam. Como ainda encontrar um tempo para a preparação sacramental? Esta não poderia ser ministrada virtualmente, com módulos temáticos estruturados por profissionais competentes (professores de teologia, agentes de pastoral) e monitorados por estudantes de teologia? Sabendo que o final de semana *é* o *único* tempo livre para a realização de trabalhos e estudos pessoais ou em grupo, por que não possibilitar o encontro eucarístico numa missa semanal em ambiente universitário? Por que não fortalecer vínculos reais por meio de retiros espirituais fora do período letivo? Talvez assim conseguíssemos agregar membros das redes sociais virtuais ao ambiente real comunitário e não precisássemos nadar contra a corrente, mas direcioná-la a favor da difusão do evangelho.

No que diz respeito ao ministério do canto em nossas assembleias litúrgicas, não carece ele de maior atenção? Será que nós católicos não estamos relegando a um segundo plano aquilo que *é* o meio mais eficaz de agregar e de possibilitar que crianças e jovens saiam da marginalização? *É* importante perceber que a nossa tradição católica, por ser mais lúdica, tem se descurado do canto. *É* raro ver uma assembleia animada por um coral ou por alguém com domínio da pauta musical. Quando muito, contamos com a boa vontade de bandas juvenis que não raras vezes desconhecem os elementos básicos da liturgia e do canto pastoral. Por que se canta? Para quem se canta? Essas perguntas básicas passam batidas quando nossos conselhos de pastoral discutem liturgia.

Não é por acaso que um número crescente de Organizações Não Governamentais (ONGs) dá ênfase à música em programas de reinserção social. Ela agrega, dá sentido de disciplina e comunidade, faz com que o universo do estético e do ético possa ser tocado sem grandes articulações racionais. É preciso dizer: a boa música, por meio do compasso (métrica), da composição das vozes e da harmonia, ensina mais do que anos de reflexão. Além de dar atenção às atividades próprias aos movimentos ou às diferentes pastorais, os conselhos comunitários deveriam enfatizar música na liturgia como forma de impulsionar o louvor conjunto da comunidade em comunhão com a universalidade da Igreja. É hora de questionarmos sobre o que temos feito em relação à música em nossas comunidades?

O mesmo não acontece nas comunidades evangélicas. Como contraponto à liturgia católica, a música se tornou um instrumento fundamental da liturgia protestante, uma vez que a dimensão lúdica (imagens, símbolos) foi retirada das comunidades dos fiéis como contraponto à tradição católica. Creio ser esta a razão que os fez se voltarem maciçamente à música, uma vez que ela não se atém materialmente à forma (imagem), embora aguce a imaginação por meio do sentimento. Para constatar isso, é só deixarmos nossos sentidos absorverem a “Paixão de Jesus Cristo segundo Mateus”, de Johann Sebastian Bach. Por meio da música maravilhosa e dos versos genialmente inspirados, todos os sentidos, não somente a audição, são aguçados. Embora não tenhamos o Cristo padecente na cruz diante dos olhos, com o sangue vivamente escorrendo da cabeça coroada de espinhos pelo dorso, no flanco, nas mãos e nos joelhos, compadece-mos da sua dor, da secura de seus lábios, da rispidez de suas feridas, pela insistência das vozes alternando tenores, sopranos, contraltos e barítonos implorando “*Sieht*”, ou seja, “vejam” a dor do servo sofredor!

Pela experiência das ONGs e comunidades evangélicas, não seria a música o elemento a agregar fisicamente o que as redes sociais querem fixar virtualmente? Não seria o retorno à música, com investimento e competência, uma forma de atrair o internauta a um ambiente celebrativo real em nossas comunidades católicas?

Para concluir, desejo partilhar uma experiência pessoal. Há um bom tempo eu vinha refletindo sobre a estrutura da família

contemporânea e o desafio que ela representa para a nova evangelização, pois cada vez mais nos deparamos com crianças e jovens oriundos de lares desprovidos de valores e práticas elementares da fé. Alguns cursos de formação que dirigi a professores e funcionários de escolas do primeiro e segundo ciclos me levaram a refletir sobre a dimensão política da família e da amizade no processo educacional da atual geração. Em julho de 2012, frente à possibilidade da morte iminente de meu pai, acabei me debruçando mais seriamente sobre essa temática. Nos dias que seguiram a última internação de papai, eu retomei o tema sob uma perspectiva não somente teórica, mas, sobremaneira, existencial. Felizmente eu estava no início das férias... Diz a física que um corpo não pode ocupar dois espaços ao mesmo tempo. Resolvi então seguir minha intuição e, ao invés de sucumbir à luta entre o coração e a razão, comecei a externar o turbilhão de sentimentos que crescia dentro de mim. Tive primeiro de expulsar de minha cabeça as ideias que dariam vida a um novo texto para só depois finalizar a segunda parte da dissertação de mestrado em teologia que naquele momento deveria redigir. Dar vazão a essas ideias, a tanto sentimento em um momento tão doloroso, acabou resultando em um conjunto de cartas, endereçadas a familiares. Nasceu, assim, um livro dentro do livro. Para trazê-lo à luz, escolhi, a forma epistolar. Em tempos passados, não escrevia muitas cartas. Ao contrário, há anos não me dedicava a uma longa e consistente carta. Em tempo de e-mails e mensagens fugidias, esta arte dos séculos passados se tornara obsoleta também pra mim. No entanto, ousando seguir os passos de Zaratustra, personagem emblemático do pensamento nietzschiano, sussurrei a mim mesmo dizendo: “aborreci-me da minha sabedoria como a abelha do mel que juntou em excesso, preciso de mãos que para mim se estendam”.¹⁶ As cartas se tornaram o instrumento de uma doação.

No encontro com a morte de meu pai deparei-me com minha própria morte. A saída que encontrei foi a criação. A paixão de meu pai me fez renascer diferente, deu origem a um Edelcio que não se pretendia, nem se pensava, escritor, pois era tão somente padre e professor. “*Coração desnudo*: sobre família e amizade à luz do cuidado

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Prólogo § 1, p. 33.

de si”¹⁷ (o livro, resultado de tudo isso) é o registro de uma escrita de si que se configurou num instrumento a mais em minha tarefa de evangelizador. Por meio dele pude partilhar vivências, encorajar os desanimados e fazer rir os entristecidos. Nele pude ressaltar a importância da amizade na superação das dores e mostrar que há vida onde os olhos teimam em só ver a morte... Diante do nada, a inspiração divina deu-me a graça do ser, tornando verbo a dor da carne.

Assim, com essas três pistas, creio ter esboçado aquilo que disse no início da reflexão: é possível do já dado, do “arcaico”, dar a início a algo novo. Como diz o papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, somente um encontro autêntico poderá revelar se o nosso serviço pastoral tem sido marcado pela *acédia* ou pela alegria de se perceber criador de uma comunicação efetiva cujo exemplo maior nos é dado por Jesus ao contar a parábola do Bom Samaritano (Cf. Lc 10, 29-30).

Referências bibliográficas

Fontes

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e revisitada. São Paulo: Paulus, 2002.

Documentos magisteriais

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação apostólica do Sumo Pontífice. São Paulo Loyola & Paulus, 2013.

_____. *Comunicação a Serviço de uma autêntica cultura do encontro*. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2014. (48º Dia Mundial das Comunicações Sociais).

¹⁷ OTTAVIANI, Edelcio. *Coração desnudo: sobre família e amizade à luz do cuidado de si*. São Paulo: Paulinas, 2014.

Obras

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra* (1885). 16. ed. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

OTTAVIANI, Edelcio. *Coração desnudo: sobre família e amizade à luz do cuidado de si*. São Paulo: Paulinas, 2014.